

HÉL

A OUTRA
RAZÃO

(Novela)

Edição d'O FORMIGUEIRO

1

Parei a meio-caminho, perguntando-me:

— O que estaria Jacques fazendo ali, no Hotel do Esquilo, em plena montanha?

Antes que me tivesse visto, reconheci-o.

Ele estava parado diante da balaustrada do terraço, fumando, inteiramente absorto na contemplação dos pinheirais.

Eu vinha da floresta, pela trilha que desembocava pouco adiante, no jardim.

Senti-me como se tivesse visto Jacques na véspera; como se fôsse encontrar a prima Raquel, na floração dos seus dezoito anos, rindo ao lado dêle: como se nos tivéssemos mantido os rapazes do tempo da Faculdade; como se Míriam ainda significasse tanto para nós...

Depois de vinte anos passados...

Antes, sim, seria espantoso encontrá-lo, sozinho, em Campos do Jordão, num hotel chique de veraneio.

Agora... Bem, precisava apelar para a razão. Era bem possível que sua firma construísse por ali, onde o turismo começava a desenvolver-se. Era uma grande firma, que poderia meter-se numa empreitada pioneira.

O que me dava, pois, aquela sensação esquisita?

O que me fazia supor que algo oculto o envolvia?

Reagi. Mas essa sensação aumentou quando me viu e veio direto a mim, de mão estendida, com a cordialidade de outrora:

— Licínius, meu velho! Que bom encontrá-lo por estas bandas!

Estreitamo-nos num grande abraço e o tempo desapareceu, até que perguntei:

— Como vão todos, em casa?

— Muito bem, graças a Deus!

Então voltou-me a sensação de desconforto, como se Jacques estivesse fazendo algo tremendamente errado e eu começasse a participar disso.

Um grupo de moças, vestidas com elegância, passou perto de nós, sorrindo convidativamente.

Não, nada mudara: ainda era para êle que as mulheres olhavam, quando estávamos juntos!

Num relance, notei que Jacques se tornara um quarentão bem parecido, corpulento sem ser gordo. A beleza, de que tanto caçoáramos, na juventude, tinha na idade madura os traços enérgicos que as mulheres tanto apreciavam.

E seu fascínio não diminuira, era óbvio.

Mas enquanto sorri, recebendo com simpatia os cumprimentos das jovens, Jacques nem se apercebeu da presença delas.

Tive certeza de que séria preocupação o consumia.

Não tivemos tempo, contudo, de voltar à velha intimidade. Antes que nos ligassem as recordações comuns, o gongo anunciou o jantar.

Eu chegara da floresta e estava cansado.

Pedi licença a êle e retirei-me.

Ao voltar, fui diretamente ao refeitório. E não o vi mais, naquela noite.

* * *

No outro dia, encontramos-nos.

Fui eu quem o encontrou, realmente.

Como o Tribunal só funcionava à tarde, eu tinha a manhã livre.

Gostava de andar pelas estradinhas do mato, seguindo os riachos, no meio dos pinhais. Viera até ali para isso, que me refazia e me descansava.

No imenso parque que rodeava o hotel havia chalés para alugar, semi-ocultos entre a vegetação luxuriante.

Encontrei Jacques perto de um dêles, sentado num velho tronco.

O local era tão parecido com outro, em que tivéramos um encontro, certa vez, que nós dois nos lembramos do fato imediatamente. E Jacques observou:

— O chalé, lá, era de madeira.

Sentei-me a seu lado.

— Creio que discutimos muito estúpidamente, aquela vez... — disse.

Êle discordou:

— Não... Era natural. Levávamos a vida dentro dum estoicismo arrebatado, então...

— Não podia ser de outro modo, concordei. Vivíamos em pleno reinado dos modelos de renúncia, sacrifício e sofrimento. Nossa mocidade parecia um pecado aos olhos dos velhos murchos que nos guiavam. Todo o impulso juvenil deveria ser recalçado, pelo vivo prazer das flagelações mentais e das frustrações físicas. Lembra-se do velho professor Julien? Creio que envenenou gerações, como a dos tios...

A esta referência Jacques sorriu. Era muito delicado para criticar parentes meus e, por conseguinte, da própria mulher.

Eu é que estava com vontade de falar dêles.

— Creio que os velhos tios, com seus princípios religiosos intransigentes e suas mentes estreitas, conseguiram plenamente envenenar nossa mocidade. É verdade que nos inculcaram normas de conduta que incluem honra, dignidade e honestidade.

Mas de que modo e a que preço o fizeram? Pela sabedoria de suas frustrações de homens infelizes e ao preço de nossa alegria. Viam em cada gesto uma possível intenção pecaminosa; em cada pensa-

mento, uma expressão de malícia. A maldade estava dentro dêles... e fizeram-nos descobri-la muito cedo, com suas proibições...

Falar com Jacques — o único amigo do órfão que fui — era um desafôgo. Êle participara de minha vida familiar e não me causava vexame lembrá-la.

— Mas na fazenda era diferente — redargüiu

— Sim; tio Eleutério e tia Idalina eram as exceções da família, talvez por se amarem profundamente e sentirem-se felizes por isso.

A referência aos pais de Raquel agradou-me, pois eu continuava curioso em relação a Jacques, embora argumentasse comigo mesmo que tal coisa não tinha cabimento.

A expressão de distância e alheamento voltou novamente à sua fisionomia.

Lutou para livrar-se dela e fêz uma pergunta inesperada:

— Você sabe o que aconteceu com Míriam?

O nome de Míriam trouxe-me o impacto de uma pedra estilhaçando cristal.

Por causa dela, há mais de vinte anos, quase nos tornáramos inimigos; por causa dela discutíramos à margem dum regato como aquêle. Não sentáramos lado a lado; enfrentáramo-nos em pé, odiando-nos mutuamente. Estávamos ambos muito apaixonados por ela e, agora, tantos anos após, o seu nome, na bôca de Jacques, por uns instantes arrebatou-me para recordações desagradáveis.

Míriam era a melhor amiga de Raquel. Estudaram juntas no ginásio e foi precisamente no ano em que concluíram o curso, que nos encontramos, os quatro, na fazenda. Raquel e eu éramos dois excelentes amigos. Ela nunca me tratou como o primo intruso e em seu lar eu sentia que havia amor também para mim. Ela me punha à vontade, com sua

exuberante afeição fraterna. Entendíamos-nos muito bem. Era eu quem a acompanhava a festinhas, passeios ou piquiniques, substituindo o irmão que ela não tinha. Os que pensavam existir entre nós mais do que uma sóilda amizade, enganaram-se totalmente. Raquel confiava-me seus problemas e creio que, em muitas ocasiões, meus conselhos a ajudaram. Inclusive quando ela se enamorou de Jacques.

A seu pedido, convidei-o para as férias na fazenda.

Ela sabia muito bem o quanto eu estava apaixonado por Míriam.

Nós quatro teríamos tido um esplêndido verão, se logo no início Jacques não se tivesse mostrado mais reservado do que habitualmente.

Em geral, conversávamos de coração aberto. Na fazenda, embora os pais de Raquel nos deixassem à vontade, êle tirava a alegria de todos os nossos passeios, mesmo jamais deixasse de ser jovial. Concordava, mas não adería. Sorria, mas não participava de nossos divertimentos. No comêço, não percebi do que se tratava. Eu estava muito ocupado em assediar Míriam, para prestar demasiada atenção aos outros. Para mim, se Raquel queria Jacques, era fato decidido que o teria, porque ela obtinha tudo o que desejava.

Foi de surpresa que Jacques me apanhou, certa manhã, perto do tal chalé. Moravam ali uns caseiros. Costumavam convidar-nos a entrar, enquanto esperávamos uns aos outros, pois era aquêle o nosso ponto de encontro predileto.

Naquele dia, contudo, o chalé estava fechado e muito antes da hora marcada encontrei Jacques lá. Êle esgotara sua capacidade de contrôle, o que só percebi quando falou:

— Vou-me embora, Licínius. Você me desculpará com os velhos.

Então reparei que tinha, ao lado, a maleta de viagem.

— Mas o que houve, Jacques ?

— Você está louco por Míriam, não está?

Foi muito chocante a franqueza dêle; entretanto, tínhamos familiaridade suficiente para que eu respondesse, contente por poder desabafar:

— Estou. Pretendo fazê-la decidir-se, de algum modo. Vai ser difícil... Você sabe como ela é: risonha, gentil e tudo o mais, sempre rindo para todos, falando com todos. Por isso mesmo é difícil ir a fundo, falar a sério. Tenho mêdo que me rechasse... Interrompi-me, porque o rosto de Jacques se transformara e êle tinha uma expressão de dor intolerável. Compreendi tudo, então.

— Não, Jacques! Você também?... Não é possível! Você não aceitaria o convite por causa de Míriam! Seria uma deslealdade para com Raquel... uma indignidade! Você, o meu melhor amigo, não iria proceder como um... um...

Eu sabia que falava à-tôa, sob a fôrça do despeito, do temor e do ciúme. Vi as mãos de Jacques crisparem-se e êle se dominou novamente, para não me esbofetear.

— Creio que ela deve decidir êsse assunto — foi a única coisa que disse.

Odiei-o. E Jacques ergueu a mala e foi embora.

Quando as moças chegaram ao chalé, não o encontraram mais.

Depois, pensei bem no assunto e reconheci que procedera como um tolo. Por isso minha amizade por Jacques persistiu.

No ano seguinte, perdemos Míriam de vista. Ela não voltou para Curitiba. O pai era militar, foi transferido para algum Estado longínquo e não a vimos mais.

A suspeita de que houvesse algo entre êles roeu-

me por algum tempo. Depois, esqueci, porque Míriam não procurou por nenhum de nós.

Os anos passaram e concluímos nossos cursos.

Antes de acabar nossa vida comum de estudantes, que moram no mesmo quarto de pensão, estudam juntos e passam as mesmas dificuldades, voltamos mais uma vez, os dois, à fazenda. Muita coisa mudou e Jacques já namorava Raquel mais ou menos seriamente.

Não vi nisso nada de mais. Pelo contrário, achei que um dia teria de acontecer, pois Raquel há muito já o decidira.

Quando se casaram, fui padrinho, na cerimônia civil.

Míriam era, entre nós, um capítulo esquecido.

Agora, o seu nome sacudia-me as lembranças.

Esforcei-me para mostrar desinterêsse, pois não era mais o adolescente que se deixava dominar pelos impulsos.

Jacques de modo algum ficou desapontado com meu silêncio. Sabia que, se eu nada perguntava, restava-lhe encerrar o assunto, calando.

O hotel ficava a uns quinze minutos, a pé.

Pusemo-nos a andar pelo ensombrado caminho, cortado na floresta da encosta. A mil e setecentos metros de altitude o ar é fino. Ali, o perfume sutil da folhagem do mato chegava até nós. Pios de pássaros, murmúrio de água corrente, farfalhar de ramagens punham-nos no ambiente sereno como o que acabáramos de evocar.

Andamos lado a lado, sem falar, porque nossas vozes graves destoariam da solene magnitude da catedral verde.

Em silêncio, retornamos ao Hotel do Esquilo.

Edições d'O FORMIGUEIRO

Prosa

(COLEÇÃO PROSADORES PARANAENSES)

- 1 - ROTEIRO DA MONTANHA - de Jaime Balão Jr.
- 2 - UMA HISTÓRIA DE CAMINHOS - de J. E. Erichsen Pereira
- 3 - O FISQUIM (1.^a e 2.^a edições) - de Vasco José Taborda
- 4 - A OUTRA RAZÃO - (novela) de HÉL
- 5 - VULTOS INCONFUNDÍVEIS - de Ennio Monção Pires

Poesias

(COLEÇÃO POÉTICA PARANAENSE)

- I - CARAMUJOS DE VIDRO - de Josette Schwoelk Fontán
- II - A ESTRÊLA E EU (1.^a e 1.^a edições) - de Vasco José Taborda
- III - NHANDUTI - de Adélia Maria Garcia
- IV - VARREDORES DA MADRUGADA - de Vasco José Taborda
- V - CASA DESERTA - (trovas) - de Orlando Woczkosky
- VI - ANTOLOGIA DE TROVADORES DO PARANÁ, 1.^o Volume

4



Sociedade Literária Editôra
"O FORMIGUEIRO"

Rua Comendador Araújo, 99 - Apt 601
CURITIBA-PARANÁ-BRASIL